

DOMINGO XVII DO TEMPO COMUM

CIC 2634-2636: a oração de intercessão

- 2634** A intercessão é uma oração de petição que nos conforma de perto com a oração de Jesus. É Ele o único intercessor junto do Pai em favor de todos os homens, em particular dos pecadores¹. Ele «pode salvar de maneira definitiva aqueles que, por seu intermédio, se aproximam de Deus, uma vez que está sempre vivo, para interceder por eles» (*Heb* 7, 25). O próprio Espírito Santo «intercede por nós [...] intercede pelos santos, em conformidade com Deus» (*Rm* 8, 26-27).
- 2635** Interceder, pedir a favor de outrem, é próprio, desde Abraão, dum coração conforme com a misericórdia de Deus. No tempo da Igreja, a intercessão cristã participa na de Cristo: é a expressão da comunhão dos santos. Na intercessão, aquele que ora não «olha aos seus próprios interesses, mas aos interesses dos outros» (*Fl* 2, 4), e chega até a rezar pelos que lhe fazem mal².
- 2636** As primeiras comunidades cristãs viveram intensamente esta forma de partilha³. O apóstolo Paulo fá-las participar deste modo no seu ministério do Evangelho⁴, mas ele próprio também intercede por elas⁵. A intercessão dos cristãos não conhece fronteiras: «por todos os homens, pelos que exercem a autoridade» (*1 Tm* 2, 1), pelos perseguidores⁶, pela salvação dos que rejeitam o Evangelho⁷.

CIC 2566-2567: o apelo universal à oração

- 2566** *O homem anda à procura de Deus.* Pela criação, Deus chama todo o ser do nada à existência. Coroado de glória e esplendor⁸, o homem, depois dos anjos, é capaz de reconhecer «que o nome do Senhor é grande em toda a terra»⁹. Mesmo depois de, pelo pecado, ter perdido a semelhança com Deus, o homem continua a ser à imagem do seu Criador. Conserva o desejo d'Aquele que o chama à existência. Todas as religiões testemunham esta busca essencial do homem¹⁰.
- 2567** *Mas é Deus que primeiro chama o homem.* Muito embora o homem se esqueça do seu Criador ou se esconda da sua face, corra atrás dos ídolos ou acuse a

¹ Cf. *Rm* 8, 34; *1 Jo* 2, 1; *1 Tm* 2, 5-8.

² Cf. Santo Estêvão rezando pelos que o supliciavam, como Jesus: cf. *Act* 7, 60; *Lc* 23, 28.34.

³ Cf. *Act* 12, 5; 20, 36; 21, 5; *2 Cor* 9, 14.

⁴ Cf. *Ef* 6, 18-20; *Cl* 4, 3-4; *1 Ts* 5, 25.

⁵ Cf. *2 Ts* 1, 11; *Cl* 1, 3; *Fl* 1, 3-4.

⁶ Cf. *Rm* 12, 14.

⁷ Cf. *Rm* 10, 1.

⁸ Cf. *Sl* 8, 6.

⁹ Cf. *Sl* 8, 2.

¹⁰ Cf. *Act* 17, 27.

divindade de o ter abandonado, o Deus vivo e verdadeiro chama incansavelmente cada pessoa ao misterioso encontro da oração. Na oração, é sempre o amor do Deus fiel a dar o primeiro passo; o passo do homem é sempre uma resposta. À medida que Deus Se revela e revela o homem a si mesmo, a oração surge como um apelo recíproco, um drama de aliança. Através das palavras e dos actos, este drama compromete o coração e manifesta-se ao longo de toda a história da salvação.

CIC 2761-2772: a oração do Senhor, a síntese de todo o Evangelho

2761 «A oração dominical é verdadeiramente o resumo de todo o Evangelho»¹¹. «Depois de o Senhor nos ter legado esta fórmula de oração, acrescentou “Pedi e recebereis” (Lc 11, 9). Cada um pode, portanto, dirigir ao céu diversas orações segundo as suas necessidades, mas começando sempre pela oração do Senhor, que continua a ser a oração fundamental»¹².

2762 Depois de ter mostrado como os Salmos são o alimento principal da oração cristã e convergem para as petições do Pai-nosso, Santo Agostinho conclui:

«Percorrei todas as orações que existem na Sagrada Escritura; não creio que possais encontrar uma só que não esteja incluída e compendiada nesta oração dominical»¹³.

2763 Todas as Escrituras (a Lei, os Profetas e os Salmos) se cumpriram em Cristo¹⁴. O Evangelho é esta «boa-nova». O seu primeiro anúncio está resumido por São Mateus no sermão da montanha¹⁵. Ora a oração do Pai-nosso está no centro deste anúncio. E é neste contexto que se elucida cada uma das petições da oração legada pelo Senhor:

«A oração dominical é a mais perfeita das orações [...]. Nela, não só pedimos tudo quanto podemos rectamente desejar, mas também segundo a ordem em que convém desejá-lo. De modo que esta oração, não só nos ensina a pedir, mas também plasma todos os nossos afectos»¹⁶.

2764 O sermão da montanha é doutrina de vida e a oração dominical é prece; mas num e noutra, o Espírito do Senhor dá uma forma nova aos nossos desejos, a esses movimentos interiores que animam a nossa vida. Jesus ensina-nos a vida nova com as suas palavras e ensina-nos a pedi-la pela oração. Da rectidão da nossa oração dependerá a da nossa vida n’Ele.

2765 A expressão tradicional «oração dominical» (isto é, «oração do Senhor») significa que a prece dirigida ao nosso Pai nos foi ensinada e legada pelo Senhor Jesus. Tal oração, que nos vem de Jesus, é verdadeiramente única: é «do Senhor». Efectivamente, por um lado, nas palavras desta oração o Filho Único

¹¹ TERTULIANO, *De Oratione*, 1, 6: CCL 1, 258 (PL 1, 1255).

¹² TERTULIANO, *De Oratione*, 10: CCL 1, 263 (PL 1, 1268-1269).

¹³ SANTO AGOSTINHO, *Epistula* 130, 12, 22: CSEL 44, 66 (PL 33, 502).

¹⁴ Cf. *Lc* 24, 44.

¹⁵ Cf. *Mt* 5-7.

¹⁶ SÃO TOMÁS DE AQUINO, *Summa theologiae*, 2-2, q. 83, a. 9, c: Ed. Leon. 9, 201.

dá-nos as palavras que o Pai Lhe deu¹⁷: Ele é o mestre da nossa oração. Por outro lado, sendo o Verbo encarnado, Ele conhece no seu coração de homem as necessidades dos seus irmãos e irmãs humanos e revela-no-las: Ele é o modelo da nossa oração.

2766 Mas Jesus não nos deixa uma fórmula para ser repetida maquinalmente¹⁸. Como em toda a oração vocal, é pela Palavra de Deus que o Espírito Santo ensina os filhos de Deus a orar ao seu Pai. Jesus dá-nos, não somente as palavras da nossa oração filial, mas também, ao mesmo tempo, o Espírito pelo qual elas se tornam em nós «espírito e vida» (Jo 6, 63). Mais ainda: a prova e a possibilidade da nossa oração filial é que o Pai «enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho que clama: “Abbá! ó Pai!”» (Gl 4, 6). Uma vez que a nossa oração traduz os nossos desejos junto de Deus, é ainda «Aquele que sonda os corações», o Pai, que «conhece o desejo do Espírito, porque é de acordo com Deus que o Espírito intercede pelos santos» (Rm 8, 27). A oração ao nosso Pai insere-se na missão misteriosa do Filho e do Espírito.

2767 Esta dádiva indissociável das palavras do Senhor e do Espírito Santo que lhes dá vida no coração dos crentes foi recebida e vivida pela Igreja desde as origens. As primeiras comunidades rezavam a oração do Senhor «três vezes por dia»¹⁹, em vez das «dezoito bênçãos» usadas pela piedade judaica.

2768 Segundo a Tradição apostólica, a oração do Senhor está essencialmente radicada na oração litúrgica:

O Senhor «ensina-nos a fazer a nossa oração em comum por todos os nossos irmãos. Porque Ele não diz «meu Pai» que estás nos céus, mas sim «nosso Pai», para que a nossa oração seja, numa só alma, por todo o corpo da Igreja»²⁰.

Em todas as tradições litúrgicas, a oração do Senhor é parte integrante das «horas» principais do Ofício Divino. Mas é sobretudo nos três sacramentos da iniciação cristã que o seu carácter eclesial aparece com evidência:

2769 No *Batismo* e na *Confirmação*, a entrega («*traditio*») da oração do Senhor significa o novo nascimento para a vida divina. Uma vez que a oração cristã consiste em falar a Deus com a própria Palavra de Deus, aqueles que são «regenerados pela palavra do Deus vivo» (1 Pe 1, 23) aprendem a invocar o seu Pai com a única palavra que Ele escuta sempre. E podem fazê-lo a partir de então, porque o selo da unção do Espírito Santo foi gravado indelevelmente no seu coração, nos seus ouvidos, nos seus lábios, em todo o seu ser filial. É por isso que a maior parte dos comentários patrísticos ao Pai-nosso são dirigidos aos catecúmenos e aos neófitos. Quando a Igreja reza a oração do Senhor, é sempre o povo dos «recém-nascidos» que ora e alcança misericórdia²¹.

2770 Na *liturgia eucarística*, a oração do Senhor aparece como a oração de toda a Igreja. Ali se revela o seu sentido pleno e a sua eficácia. Situada entre a anáfora

¹⁷ Cf. Jo 17, 7.

¹⁸ Cf. Mt 6, 7; 1 Rs 18, 26-29.

¹⁹ *Didakê* 8, 3: SC 284, 174 (FUNK, *Patres Apostolici*, 1, 20).

²⁰ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *In Matthaëum*, homilia 19, 4: PG 57, 278.

²¹ Cf. 1 Pe 2, 1-10.

(oração eucarística) e a liturgia da comunhão, recapitula, por um lado, todas as petições e intercessões expressas no movimento da epiclesse; e, por outro, bate à porta do festim do Reino que a Comunhão sacramental vai antecipar.

2771 Na Eucaristia, a oração do Senhor manifesta também o carácter *escatológico* das suas petições. É a oração própria dos «últimos tempos», dos tempos da salvação que começaram com a efusão do Espírito Santo e terminarão com o regresso do Senhor. Os pedidos que fazemos ao nosso Pai, diferentemente das orações da Antiga Aliança, apoiam-se no mistério da salvação já realizada, numa vez para sempre, em Cristo crucificado e ressuscitado.

2772 Desta fé inabalável brota a esperança que suscita cada uma das sete petições. Estas exprimem os gemidos do tempo presente, este tempo da paciência e da espera, durante o qual «ainda não se manifestou o que havemos de ser» (1 Jo 3, 2)²². A Eucaristia e o Pai-nosso apontam para a vinda do Senhor, «até que Ele venha!» (1 Cor 11, 26).

CIC 2609-2610, 2613, 2777-2785: dirigir-se a Deus com perseverança e confiança filial

2609 O coração, assim decidido a converter-se, aprende a orar na *fé*. A fé é uma adesão filial a Deus, para além de tudo quanto sentimos e compreendemos. Tornou-se possível, porque o Filho bem-amado nos franqueia o acesso até junto do Pai. Ele pode pedir-nos que «procuremos» e «batamos à porta», porque Ele próprio é a porta e o caminho²³.

2610 Do mesmo modo que Jesus ora ao Pai e Lhe dá graças antes de receber os seus dons, assim também nos ensina esta *audácia filial*: «tudo o que pedirdes na oração, acreditai que já o alcançastes» (Mc 11, 24). Tal é a força da oração: «tudo é possível a quem crê» (Mc 9, 23), com uma fé que não hesita²⁴. Assim como Jesus Se entristece por causa da «falta de fé» dos seus conterrâneos (Mc 6, 6) e da «pouca fé» dos seus discípulos²⁵, também Se enche de admiração perante a «grande fé» do centurião romano²⁶ e da cananea²⁷.

2613 São Lucas transmite-nos três parábolas principais sobre a oração. A primeira, a do «amigo importuno»²⁸, convida-nos a uma oração persistente: «Batei, e a porta abrir-se-vos-á». Àquele que assim ora, o Pai celeste «dará tudo quanto necessitar» e dará, sobretudo, o Espírito Santo, que encerra todos os dons.

A segunda, a da «viúva importuna»²⁹, está centrada numa das qualidades da oração: é preciso orar sem se cansar, com a *paciência* da fé. «Mas o Filho do Homem, quando voltar, achará porventura fé sobre a terra?».

²² Cf. Cl 3, 4.

²³ Cf. Mt 7, 7-11.13-14.

²⁴ Cf. Mt 21, 21.

²⁵ Cf. Mt 8, 26.

²⁶ Cf. Mt 8, 10.

²⁷ Cf. Mt 15, 28.

²⁸ Cf. Lc 11, 5-13.

²⁹ Cf. Lc 18, 1-8.

A terceira, a do «fariseu e do publicano»³⁰, diz respeito à *humildade* do coração orante. «Meu Deus, tende compaixão de mim, que sou pecador». A Igreja não cessa de fazer sua esta oração: «*Kyrie, eleison!*».

2777 Na liturgia romana, a assembleia eucarística é convidada a orar ao nosso Pai com ousadia filial. As liturgias orientais utilizam e desenvolvem expressões análogas: «Ousar com toda a segurança», «tornai-nos dignos de». Diante da sarça ardente foi dito a Moisés: «Não te aproximes. Descalça as sandálias» (*Ex* 3, 5). Este umbral da santidade divina, só Jesus o podia franquear, Ele que, «tendo realizado a purificação dos pecados» (*Heb* 1, 3), nos introduz perante a face do Pai: «Eis-me, a mim e aos filhos que Deus Me deu!» (*Heb* 2, 13):

«A consciência que temos da nossa situação de escravos far-nos-ia sumir sob o chão, a nossa condição terrena dissolver-se-ia em pó, se a autoridade do próprio Pai e o Espírito do Seu Filho não nos levasse a soltar este grito: “Abbá, Pai!” (*Rm* 8, 15) [...]. Quando é que a fraqueza dum mortal se atreveria a chamar a Deus seu Pai, senão somente quando o íntimo do homem é animado pelo poder do alto?»³¹.

2778 Este poder do Espírito que nos introduz na oração do Senhor é expresso, nas liturgias do Oriente e do Ocidente, pela bela expressão tipicamente cristã: «parrêsia», simplicidade sem desvio, confiança filial, segurança alegre, ousadia humilde, certeza de ser amado³².

2779 Antes de fazermos nosso este primeiro impulso da oração do Senhor, convém purificar humildemente o nosso coração de certas falsas imagens «deste mundo». A *humildade* faz-nos reconhecer que «ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho Se dignar revelá-Lo», quer dizer «os pequeninos» (*Mt* 11, 25-27). A *purificação* do coração refere-se às imagens paternas ou maternas provenientes da nossa história pessoal e cultural, que influenciam o nosso relacionamento com Deus. É que Deus, nosso Pai, transcende as categorias do mundo criado. Transpor para Ele ou contra Ele, as nossas ideias neste domínio, seria fabricar ídolos, a adorar ou a derrubar. Orar ao Pai é entrar no seu mistério, tal como Ele é e tal como o Filho no-Lo revelou:

«A expressão *Deus Pai* nunca tinha sido revelada a ninguém. Quando o próprio Moisés perguntou a Deus quem era, ouviu um nome diferente. A nós, este nome foi revelado no Filho; porque este nome (de Filho) implica o nome de Pai»³³.

2780 Nós podemos invocar Deus como «Pai», porque *Ele nos foi revelado* pelo seu Filho feito homem e porque o seu Espírito no-Lo faz conhecer. A relação pessoal do Filho com o Pai³⁴, que o homem não pode conceber nem os poderes angélicos podem entrever, eis que o Espírito do Filho nos faz participar dela, a nós que cremos que Jesus é o Cristo e que nascemos de Deus³⁵.

³⁰ Cf. *Lc* 18, 9-14.

³¹ SÃO PEDRO CRISÓLOGO, *Sermão* 71, 3: CCL 24A, 425 (PL 52, 401).

³² Cf. *Ef* 3, 12; *Heb* 3, 6; 4, 16; 10, 19; *1 Jo* 2, 28; 3, 21; 5, 14.

³³ TERTULIANO, *De oratione*, 3, 1: CCL 1, 258-259 (PL 1, 1257).

³⁴ Cf. *Jo* 1, 1.

³⁵ Cf. *1 Jo* 5, 1.

2781 Quando oramos ao Pai, estamos em *comunhão com Ele* e com o seu Filho Jesus Cristo³⁶. É então que O reconhecemos num encantamento sempre novo. A primeira palavra da oração do Senhor é uma bênção de adoração, antes de ser uma súplica. Porque a glória de Deus é que nós O reconheçamos como «Pai», Deus verdadeiro. Damos-Lhe graças por nos ter revelado o seu nome, por nos ter dado a graça de acreditar n'Ele, de sermos habitados pela sua presença.

2782 Nós podemos adorar o Pai porque Ele nos fez renascer para a sua vida *adoptando-nos* por seus filhos no seu Filho Único: pelo Baptismo, incorpora-nos no corpo do seu Cristo; e pela Unção do seu Espírito, que da Cabeça se derrama pelos membros, faz de nós «cristos»:

«Deus, que nos destinou para a adopção de filhos, tornou-nos conformes ao corpo glorioso de Cristo. Doravante, pois, participantes de Cristo, sois com todo o direito chamados “cristos”»³⁷.

«O homem novo, que renasceu e foi restituído ao seu Deus pela graça, começa por dizer, “Pai!”, porque se tornou filho»³⁸.

2783 Deste modo, pela oração do Senhor, nós somos *revelados a nós próprios*, ao mesmo tempo que nos é revelado o Pai³⁹:

«Ó homem, tu não ousavas levantar o teu rosto para o céu, baixavas os teus olhos para a terra, e de repente recebeste a graça de Cristo: todos os pecados te foram perdoados, de mau servo tornaste-te bom filho [...]. Portanto, ergue os olhos para o Pai que te resgatou pelo seu Filho e diz: Pai nosso [...]. Mas não reivindiques para ti algo de especial. Só de Cristo é que Ele é Pai de modo especial, de todos nós é Pai em comum; porque só a Ele gerou, ao passo que a nós, criou-nos. Portanto, por graça, diz também tu “Pai nosso”, para mereceres ser filho»⁴⁰.

2784 Este dom gratuito da adopção exige da nossa parte uma conversão contínua e uma *vida nova*. Orar ao nosso Pai deve desenvolver em nós duas disposições fundamentais:

O desejo e a vontade de nos parecermos com Ele. Criados à sua imagem, é pela graça que a semelhança nos é restituída e a ela devemos corresponder.

«Devemos lembrar-nos de que, quando chamamos a Deus «Pai nosso», temos de nos comportar como filhos de Deus»⁴¹.

«Vós não podeis chamar vosso Pai ao Deus de toda a bondade se conservardes um coração cruel e desumano; porque, nesse caso, já não tendes a marca da bondade do Pai celeste»⁴².

«Devemos contemplar incessantemente a beleza do Pai e impregnar dela a nossa alma»⁴³.

2785 *Um coração humilde e confiante* que nos faça «voltar ao estado de crianças» (Mt 18, 3): porque é aos «pequenos» que o Pai Se revela (Mt 11, 25):

É um estado «que se forma contemplando a Deus somente, com o ardor da caridade. Nele,

³⁶ Cf. 1 Jo 1, 3.

³⁷ SÃO CIRILO DE JERUSALÉM, *Catecheses mystagogicae*, 3, 1: SC 126, 120 (PG 33, 1088).

³⁸ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 9: CCL 3A, 94 (PL 4, 541).

³⁹ Cf. II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. past. *Gaudium et spes*, 22: AAS 58 (1966) 1042.

⁴⁰ SANTO AMBRÓSIO, *De sacramentis*, 5, 19: CSEL 73, 66 (PL 16, 450).

⁴¹ SÃO CIPRIANO DE CARTAGO, *De dominica oratione*, 11: CCL 3A, 96 (PL 4, 543).

⁴² SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *De angusta porta et in Orationem dominicam*, 3: PG 51, 44.

⁴³ SÃO GREGÓRIO DE NISSA, *Homiliae in Orationem dominicam*, 2: *Gregorii Nysseni opera*, ed. W. JAEGER-H. LANGERBECK, v. 7/2 (leiden 1992) p. 30 (PG 44, 1148).

a alma funde-se e abisma-se em santa dilecção e trata com Deus como com o seu próprio Pai, muito familiarmente, numa ternura de piedade muito particular»⁴⁴.

«Pai nosso: este nome suscita em nós ao mesmo tempo o amor, o afecto na oração, [...] e também a esperança de obter o que vamos pedir [...]. De facto, que pode Ele recusar à súplica dos seus filhos, quando já previamente lhes permitiu que fossem filhos seus?»⁴⁵.

CIC 2654: *lectio divina*

2654 Os Padres espirituais, parafraseando *Mt 7, 7*, resumem assim as disposições do coração, alimentado pela Palavra de Deus na oração: «Procurai na leitura e achareis na meditação; batei à porta na oração e ela abrir-se-vos-á na contemplação»⁴⁶.

CIC 537, 628, 1002, 1227: sepultados e ressuscitados no Baptismo

537 Pelo Baptismo, o cristão é sacramentalmente assimilado a Jesus que, no seu baptismo, antecipa a sua morte e ressurreição. Deve entrar neste mistério de humilde abatimento e de penitência, descer à água com Jesus, para de lá subir com Ele, renascer da água e do Espírito para se tornar, no Filho, filho-amado do Pai e «viver numa vida nova» (*Rm 6, 4*):

«Sepultemo-nos com Cristo pelo Baptismo, para com Ele ressuscitarmos; desçamos com Ele, para com Ele sermos elevados; tornemos a subir com Ele, para n'Ele sermos glorificados»⁴⁷.

«Tudo o que se passou com Cristo dá-nos a conhecer que, depois do banho de água, o Espírito Santo desce sobre nós do alto dos céus e, adoptados pela voz do Pai, tornamo-nos filhos de Deus»⁴⁸.

628 O Baptismo, cujo sinal original e pleno é a imersão, significa eficazmente a descida ao túmulo, por parte do cristão que morre para o pecado com Cristo, com vista a uma vida nova. «Fomos sepultados com Ele, pelo Baptismo, na sua morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova» (*Rm 6, 4*)⁴⁹.

1002 Se é verdade que Cristo nos há-de ressuscitar «no último dia», também é verdade que, de certo modo, nós já ressuscitámos com Cristo. De facto, graças ao Espírito Santo, a vida cristã é desde já, na terra, uma participação na morte e ressurreição de Cristo:

«Pelo Baptismo fostes sepultados com Cristo e também ressuscitastes com Ele, devido à fé que tivestes na força de Deus, que O ressuscitou dos mortos [...]. Uma vez que ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do Alto, onde Cristo Se encontra sentado à

⁴⁴ SÃO JOÃO CASSIANO, *Conlatio*, 9, 18, 1: CSEL 13, 265-266 (PL 49, 788).

⁴⁵ SANTO AGOSTINHO, *De sermone Domini in monte*, 2, 4, 16: CCL 35, 106 (PL 34, 1276).

⁴⁶ GUIGO, o CARTUXO, *Scala claustralium*, 2, 2: PL 184, 476. Entretanto, estas palavras não foram retidas no texto da edição crítica SC 163, 84; veja-se aí o aparato crítico.

⁴⁷ SÃO GREGÓRIO NAZIANZENO, *Oratio* 40, 9: SC 358, 216 (PG 36, 369).

⁴⁸ SANTO HILÁRIO DE POITIERS, *In evangelium Matthaei* 2, 6: SC 254, 110 (PL 9, 927).

⁴⁹ Cf. *Cl 2, 12*; *Ef 5, 26*.

direita de Deus» (*Cl* 2, 12; 3, 1).

1227 Segundo o apóstolo São Paulo, pelo Baptismo o crente comunga na morte de Cristo; é sepultado e ressuscita com Ele:

«Todos nós, que fomos batizados em Cristo Jesus, fomos batizados na sua morte. Fomos sepultados com Ele pelo batismo na morte, para que, assim como Cristo ressuscitou dos mortos, pela glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova» (*Rm* 6, 3-4)⁵⁰.

Os batizados «revestem-se de Cristo»⁵¹. Pelo Espírito Santo, o Baptismo é um banho que purifica, santifica e justifica⁵².

⁵⁰ Cf. *Cl* 2, 12.

⁵¹ Cf. *Gl* 3, 27.

⁵² Cf. *1 Cor* 6, 11; 12, 13.